

# **ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO DOCENTE**

**Autora:** Maria Thaís de Oliveira Batista  
Graduanda do Curso de Pedagogia /UAE/CFP/UFCG

**Co-autora:** Maria José da Silva Pires  
Graduanda do Curso de Pedagogia /UAE/CFP/UFCG

**Co-autora:** Natália Maria Gonçalves Dantas de Santana  
Graduanda do Curso de Pedagogia /UAE/CFP/UFCG

**Co-autora:** Nyedja Nara Furtado de Abrantes  
Graduanda do Curso de Pedagogia /UAE/CFP/UFCG

**GT: 22 -** Vivências e pesquisas a partir do pibid e estágio supervisionado: um olhar crítico acerca das práticas pedagógicas dos professores em formação

## **Resumo**

Este artigo tem a finalidade de descrever vivências disponibilizadas pelo estágio supervisionado em educação infantil, e analisar as novas perspectivas e desafios existentes atualmente na formação docente. Apresenta-se uma descrição analítica dos dois momentos vivenciados no estágio. Uma observação do dia-a-dia da sala de aula, enfatizando a metodologia da professora, e sua rotina, dentre outras informações relevantes. A segunda parte deste artigo que se refere ao período de intervenção, na qual se buscou realizar um trabalho interdisciplinar, significativo e transformador diante das práticas pedagógicas tradicionais que se tem conhecimento na contemporaneidade. O estágio possibilitou compreender e analisar o grande desafio que envolve a docência na atualidade. Portanto, este trabalho fez-nos compreender que podemos refletir acerca de mudanças para a realidade da educação do país, começando pela realidade local, no momento que se entrega com amor e realização à profissão escolhida, desempenhando assim um trabalho de qualidade.

**Palavras-chave:** Estágio. Educação Infantil. Formação Docente. Interdisciplinaridade.

## **1. Introdução**

O Estágio Supervisionado em Educação Infantil foi realizado em uma turma de PRÉ, durante o turno da tarde da Creche Alexandrina Ferreira de Araújo, a qual se localiza na cidade de Aparecida – PB, na Rua João Gomes s/n. O mesmo foi executado em dois momentos distintos, o primeiro sendo de observação, o qual foi no período de 26 a 30 de março de 2012, no horário de 13h00min as 17h00min e o segundo sendo de intervenção, o qual se realizou no período de 07 a 25 de maio de 2012, também de 13h00min as 17h00min, ambos totalizando a carga horária de 80 horas.

Abordaremos neste artigo com o intuito de descrever vivências disponibilizadas pelo estágio supervisionado em educação infantil, novas perspectivas de se pensar a formação docente nos dias atuais, como também os grandes desafios encontrados cotidianamente no cenário educacional, que necessitam ser refletidos e superados. Apresentaremos aqui uma descrição e análise referente aos dois momentos vivenciados no estágio. O primeiro momento que diz respeito ao período de observação, o qual resumiu-se em observar a caracterização da instituição, ou seja, o ambiente da creche em si, onde analisamos a sua estrutura física, estrutura administrativa e apoio, os profissionais e suas respectivas formações, a estrutura pedagógica, os horários de funcionamento, a relação com o sistema de apoio, entre outros. Também será abordada a rotina da professora em desempenhar seu papel na sala de aula juntamente com os alunos, como, também, a segunda parte do estágio, o qual foi o período de intervenção, que diz respeito à execução das atividades anteriormente planejadas durante o período de estudo, o qual foi organizado de forma interdisciplinar, no intuito de enriquecer a execução do mesmo, possibilitando, assim, novas formas de aprendizagem para as crianças.

Destacamos o nesse trabalho o Diário de Campo e o Portfólio como fontes documentais construídas no período do estágio, a partir das vivências disponibilizadas pelo mesmo.

Acreditamos que o Diário de Campo é um instrumento de grande importância para obtermos uma melhor compreensão e análise acerca dos acontecimentos e situações decorrentes da vivência no estágio. O Diário de Campo possibilitou-nos, assim, uma narrativa acerca dos momentos principais e mais marcantes para nós enquanto observadoras da prática de professores e mesmo enquanto alunas-estagiária no momento de intervenção. Podemos, assim, rever nossa prática dentro da sala de aula, analisando situações e experiências cotidianas, buscando melhorar nosso trabalho junto aos alunos, por meio dos registros diários disponibilizados pelo Diário de Campo.

Outro instrumento de grande importância que utilizamos para reflexão e análise neste artigo foi o Portfólio, o qual contém todos os planos e atividades elaboradas e organizadas sequencialmente no decorrer do planejamento do estágio.

## **2. Descrição e análise das experiências vivenciadas no Estágio**

O Estágio Supervisionado em Educação Infantil foi distribuído no período de vinte dias, sendo que cinco dias foram para observação, tendo início no dia 26 a 30 de março de 2012, e os outros quinze dias foram para a intervenção, o qual iniciou no dia 07 a 25 de maio de 2012.

A primeira semana do estágio que diz respeito à observação, foi o período de caracterização da instituição, e de observação do cotidiano escolar das crianças como, também, da metodologia utilizada pela professora titular da sala de aula. Pudemos perceber a partir desses momentos vivenciados na primeira semana do estágio, que os horários referentes ao dia-a-dia das crianças na instituição ocorrem de forma bastante regular, os alunos já estão habituados a todos os momentos disponibilizados pela instituição, já detendo de conhecimentos acerca dos horários de cada atividade a ser realizada durante todos os dias.

A organização do espaço e do tempo na educação infantil não é algo tão simples e fácil. São muitos os desafios que aparecem no caminho dos que se encarregam de organizá-los, dos que buscam pensá-los de forma a fazer com que as práticas educativas possam garantir a segurança, os cuidados básicos e uma educação de qualidade para os sujeitos que nela estão inseridos. Para Craidy e Kaercher

Organizar o cotidiano das crianças na Escola Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupos de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. (2001, p.67).

Ainda na primeira semana, além da observação acerca da estrutura da instituição, fomos ao espaço da sala de aula onde se encontravam a professora e os demais alunos. Esse é um momento que desperta bastante ansiedade e apreensão, pois, esse seria o primeiro contato com a rotina e os sujeitos presentes ali naquele espaço. Traços dessas inquietações ficam claros no registro abaixo:

Nesse momento eu já comecei a me sentir um tanto ansiosa com a situação, pois, seria o nosso primeiro contato direto com ambos os sujeitos, com as crianças, com a professora e com a própria rotina dentro da sala de aula. De início, os alunos estranharam bastante a nossa presença, o que acabou em alguns momentos a dispersá-los diante do que a professora estava abordando naquele instante na sala de aula. Aquele era um momento repleto de profunda curiosidade por parte dos alunos, afinal, éramos ali, duas estranhas inseridas na rotina daquelas crianças ali presentes. Com o passar do tempo, os alunos

foram se acostumando com a nossa presença naquele meio, porém, ainda tendo um ou outro que vinham a nossa direção fazer perguntas diversas, em relação ao nosso nome, onde morávamos, se íamos ser suas novas professoras, enfim, procurando de alguma forma compreender essa nova situação existente no momento. (MARIA THAÍS DE OLIVEIRA BATISTA, DIÁRIO DE CAMPO, dia 28/03/2012).

A segunda semana foi o período de início da intervenção, onde adentramos nos conteúdos, que foram previamente elaborados para serem trabalhados em conjunto com os alunos. Esse foi um momento de muita ansiedade e apreensão, pois,

[...] chega o grande dia, o primeiro dia do período de intervenção do estágio. Os momentos que anteviam esse dia foram de grande ansiedade para mim, pois, tudo que eu mais queria era poder chegar à sala de aula a qual faria a intervenção do estágio, e poder de algum modo fazer a diferença de forma significativa no aprendizado daquelas crianças que estariam ali sob minha responsabilidade. (MARIA THAÍS DE OLIVEIRA BATISTA, DIÁRIO DE CAMPO, dia 07/05/2012).

O primeiro dia teve como conteúdo o Dia da Cidade, pois, a presente semana tratava-se da comemoração do aniversário de emancipação política da mesma, e a professora já havia nos comunicado com antecedência durante a semana de observação, que essa era uma data que deve ser tratada todos os anos nas instituições escolares da cidade. De início buscamos conhecer os alunos ali presentes, como, também, nos apresentar, através da música “Quem é Você?” e da entrega dos crachás confeccionados com o nome de cada aluno. Esse foi um momento de grande descontração por parte dos alunos na sala de aula, pois, enquanto alguns demonstravam está entusiasmados, outros não interagiam com frequência, pelo fato de serem extremamente tímidos.

No segundo dia, iniciamos as vogais Aa e Ee, e os numerais 1 (um) e 2 (dois), os quais foram apresentados através de material concreto (EVA), possibilitando, assim, uma aprendizagem mais enriquecedora, e em seguida uma atividade de pintura sobre o dia das mães. Esse foi um momento em que buscamos trabalhar com ênfase nas vogais, as quais servirão de base para os primeiros escritos das crianças na educação infantil. Para Ferreiro (1993, p.9) “A mais básica de todas as necessidades de aprendizagem continua sendo a alfabetização”. Esta é uma afirmação de grande relevância para a aprendizagem dos alunos, é através das vogais, que as crianças poderão dá início as suas primeiras experiências com a leitura e a escrita. Para isso, é necessário que o professor

disponibilize situações de modo a compreender o aluno como centro do seu processo de aprendizagem.

No terceiro dia, foi explicitado a vogal li e o numeral 3 (três), também apresentados através de material concreto (EVA), além disso, uma atividade de recorte e colagem relacionada ao dia das mães. Ainda segundo Ferreiro

De todos os grupos populacionais, as crianças são as mais facilmente alfabetizáveis. Elas têm mais tempo disponível para dedicar à alfabetização do que qualquer outro grupo de idade e estão em processo contínuo de aprendizagem (dentro e fora do contexto escolar), enquanto os adultos já fixaram formas de ação e de conhecimento mais difíceis de modificar. (1993, p.17).

Para que o professor possa chegar a possíveis progressos no ensino da leitura e da escrita, é necessário que primeiro se desmistifique essa visão da escrita técnica, uma visão da leitura e escrita de forma mecânica. Para que a partir disso o educador possa fazer com que a criança leia por prazer, e não por obrigação e, conseqüentemente, refletindo nas próprias construções das crianças, e não em meras reproduções.

No quarto dia revisamos o conteúdo anteriormente trabalhado, ou seja, a vogal li e o numeral 3 (três), pois, percebemos que os alunos sentiram certa dificuldade acerca do que foi trabalhado neste dia. Houve, também, a realização de um desenho relacionado às mães, o qual veio a compor no dia seguinte o álbum da mamãe, enriquecendo, assim, a aprendizagem das crianças e a sua afetividade diante a sua relação com a mãe.

Se tratando da afetividade presente na relação professor-aluno na sala de aula, notamos que as crianças que ficavam mais quietas necessitavam de um olhar mais atencioso, com isso, baseadas em Mahoney e Almeida, quando dizem que “A criança precisa ser assistida o tempo todo e suas reações precisam ser completadas e interpretadas pelos adultos que lhe são próximos.” (2010, p.64), procuramos se posicionar da melhor forma possível diante destas crianças, transmitindo confiança e auxiliando no decorrer das atividades propostas, para que, assim, as mesmas fossem continuamente tendo um melhor desenvolvimento da sua aprendizagem dentro da sala de aula. A seguir uma fotografia disponibilizada pelo Portfólio que demonstra a afetividade entre estagiário-aluno na sala de aula, em busca de desenvolver a aprendizagem dessas crianças introvertidas através de olhares mais atenciosos e um contato mais aproximado com os mesmos.



FOTOGRAFIA 6–Momentos que representam a relação estagiária-aluno na sala de aula  
 FONTE: Maria José da Silva Pires, 2012.

O professor necessita está atento nas suas relações cotidianas junto às crianças, pois, ambos se expressam na sua totalidade e é a partir do contato mais próximo entre professor e aluno que se pode iniciar um trabalho de mais qualidade e eficácia no processo de ensino-aprendizagem. O professor passa a ser aquele que ensina e aprende ao mesmo tempo com as crianças, nos diferentes momentos vivenciados durante o seu trabalho enquanto educador. Aspectos dessa afirmação ficam claros nos registros que seguem:

Já no que diz respeito às crianças que, ainda, se mantinham quietas e introvertidas, procurei enfatizar mais minha atenção sobre elas, sempre buscando instigá-las a falarem, porém, quando notava que alguma delas não responderia meus questionamentos em voz alta para as demais crianças, me deslocava até sua carteira e perguntava novamente, até poder passar certa confiança para a mesma falar. (MARIA THAÍS DE OLIVEIRA BATISTA, DIÁRIO DE CAMPO, 10/05/12).

No primeiro dia da segunda semana, trabalhamos com a vogal Uu e o numeral 5 (cinco), os quais foram apresentados através de material concreto (EVA), e em seguida fizemos uma revisão geral acerca das vogais e dos números trabalhados no decorrer dos dias. No segundo e terceiro dia, trabalhamos os nomes próprios de cada aluno, tentando possibilitar, assim, uma melhor identificação e conhecimento acerca da história do seu nome, como, também, desenvolver tanto a escrita quanto a coordenação motora de cada criança. Realizamos este momento devido a situações vivenciadas na semana de observação que demonstravam a grande necessidade de se trabalhar junto às crianças atividades que subsidiassem no desenvolvimento da escrita dos seus nomes. Com isso

[...] propomos uma dinâmica para situar os alunos quanto ao desenrolar da aula do respectivo dia, onde os mesmos participaram

ativamente em todos os nossos encaminhamentos. Puderam identificar seus nomes, reconhecendo as letras do primeiro nome através da escrita na folha de ofício e na lousa, diferenciando, assim, todas as letras uma das outras, aonde também vieram a identificar a quantidade de letras presentes na escrita do seu primeiro nome. Por último encaminhamos para casa uma atividade para que os alunos fizessem juntos aos seus responsáveis, com o intuito dos mesmos poderem compreender a origem do seu respectivo nome. (MARIA JOSÉ DA SILVA PIRES, DIÁRIO DE CAMPO, 15/05/2012).

Ambas as atividades foram realizadas com sucesso pelas crianças, e acreditamos que os objetivos que almejamos inicialmente foram realmente alcançados e que a aula desse respectivo dia auxiliou de forma significativa na aprendizagem das crianças em torno da escrita do seu nome, como, também, no trabalho em busca da sua identidade pessoal e da sua autonomia.

No quarto e quinto dia, trabalhamos a respeito da diversidade racial, buscando, assim, desenvolver nos alunos uma maior consciência diante das diferenças existentes na nossa sociedade, onde houve a leitura de duas histórias que tratavam sobre o tema, tais como “Meninas Negras” da autora Madu Costa e “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Machado, e em seguida houve a execução do filme “Kiriku e a Feiticeira” de Michel Ocelot. O trabalho desenvolvido nesses dois dias também se deu devido a um momento específico ocorrido na semana de observação, mas precisamente numa sexta-feira. Fato que fica claro nos escritos abaixo:

Nesse dia houve uma situação que me deixou um tanto confusa e triste ao mesmo tempo, me deparei em um momento de preconceito racial explícito por parte da professora com uma aluna negra em sala de aula. Foi uma situação em que senti certa impotência por minha parte, pois, de alguma forma o meu desejo era interferir naquela situação e mostrar a professora o quanto ela estava prejudicando aquela criança, tomando a posição a qual ela permaneceu, posição essa, que desestruturou bastante aquela criança, o que ficou claro na sua feição e comportamento, a fez ficar ainda mais tristonha e quase que incomunicável. Porém, eu sabia que aquele, ainda, não era o momento de eu me posicionar diante da prática daquela professora, mas sim fazer diferente na minha prática com aquelas crianças, diante de uma situação desse tipo durante o período de intervenção do estágio. (MARIA THAÍS DE OLIVEIRA BATISTA, DIÁRIO DE CAMPO, 30/04/2012).

Os recursos utilizados na aula dos respectivos dias auxiliaram bastante no seu desenvolvimento. As duas histórias, o filme, e a brincadeira fizeram-nos refletir juntos

às crianças sobre os valores advindos da cultura africana e a importância dos mesmos para o desenvolvimento do nosso país. Para essas autoras

Em muitas escolas públicas, a diversidade racial permanece aparentemente diluída no cotidiano escolar, como se não constituísse aspecto importante para formação de alunos e alunas. Convém considerar que essa despreocupação propicia condições, justamente, para a formação de indivíduos racistas, preconceituosos e discriminadores. (SILVEIRA; GODINHO, 2004, p.117-118).

É notável o despreparo e a falta de reflexão da maioria dos educadores existentes no cenário educacional para tratar temáticas que tenham relação à diversidade, seja ela sexual ou racial. Muitos apenas “fecham os olhos” para determinadas indagações ou situações de preconceitos ocorrentes na sala de aula. Isso acaba reafirmando o racismo ou a homofobia dentro das escolas, pois, se o professor não for aquele que ajude o aluno com os conflitos existentes em relação as diferenças existentes, quem será esse sujeito? As crianças aprenderão na rua, ou até mesmo em casa através da própria mídia, o conhecimento que poderia adquirir na sala de aula junto ao professor de forma reflexiva.

No primeiro e segundo dia da terceira semana, trabalhamos os diferentes tipos de encontros vocálicos existentes, além das explicações utilizando a lousa, tendo atividades escritas relacionadas ao conteúdo citado anteriormente. E pudemos analisar o desempenho da maioria dos alunos se comparado ao início do período de intervenção do estágio. Recorrendo ao Portfólio vemos a seguir uma foto do desenvolvimento de algumas atividades realizadas com os alunos durante o período de intervenção do estágio.



FOTOGRAFIA 7 – Realização de atividades na sala de aula  
FONTE: Maria Thaís de Oliveira Batista, 2012.

No terceiro e quarto dia, trabalhamos as formas geométricas, tendo como suporte material concreto. Um dos momentos em que buscamos sempre enfatizar no cotidiano



do nosso trabalho durante o estágio foi à realização de atividades lúdicas que subsidiassem de modo significativo na aprendizagem das crianças.

O brincar é um fator muito importante no desenvolvimento de crianças de 0 a 6 anos de idade. É através desses momentos que as crianças tomam decisões, interagem com os demais sujeitos, e expressam seus conhecimentos acerca de determinada brincadeira ou jogo, enfim, se afirmam enquanto sujeitos ativos do seu processo de aprendizagem. Segundo o RCNEI “Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca.” (1998, p.27).

No quinto e último dia, revisamos todos os conteúdos trabalhados durante a intervenção do estágio, de modo a perceber se o que foi trabalhado realmente trouxe uma aprendizagem significativa para as crianças. Em seguida realizamos diferentes tipos de brincadeiras, onde as crianças puderam interagir com maior facilidade conosco e com os demais colegas da sala de aula. E por fim, confraternizamos juntamente com os alunos, a professora da sala de aula e os demais membros da instituição, o encerramento do estágio, momento esse que foi cercado por uma gama de sentimentos, emoção no momento de despedida e plena satisfação de dever cumprido. Remetendo-nos ao Portfólio vemos a seguir imagens que refletem tais situações vivenciadas no término do período do estágio.



FOTOGRAFIA 8 – Momento de confraternização do fim do estágio  
FONTE: Maria José da Silva Pires, 2012.

### **3. Contribuições do Estágio Supervisionado para a formação docente**

O Estágio Supervisionado em Educação Infantil é um instrumento de grande relevância para a formação docente. É por meio dele que o educando pode ter suas primeiras experiências junto ao ambiente escolar, e é nesse momento, também, que

muitos reafirmarão as suas escolhas profissionais ou até mesmo mudarão suas concepções em relação ao que realmente almejam para o seu futuro profissional.

É no estágio supervisionado que podemos perceber a íntima ligação que existe entre a teoria e a prática, pois, cotidianamente nos deparamos com situações que refletem essa afirmação. É no momento da prática disponibilizada pelo estágio no curso de formação de profissionais que percebemos a grande importância que a teoria tem ao realizarmos a prática. Porém, a maioria dos sujeitos iniciam e finalizam seus cursos com o pensamento de que teoria e prática não se completam, e que as coisas se dividem ou em só teoria ou em só prática. Com relação a isso

O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais, em contraposição a teoria. Não é raro ouvir a respeito dos alunos que concluem seus cursos, referências como ‘teóricos’, que a profissão se aprende na ‘prática’, que certos professores de disciplinas são por demais “teóricos”. Que “na prática a teoria é outra”. No cerne dessa afirmação popular, está a constatação no caso da formação de professores, de que o curso nem fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma prática como referência para fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e de prática. (PIMENTA; LIMA, 2004, p.33).

A autora expõe claramente a realidade das concepções acerca da teoria e prática de muitos sujeitos presentes nos cursos de formação de profissionais. Profissionais da educação que em suas próprias vivências junto ao ambiente escolar não buscam fazer interconexões com as demais disciplinas presentes na grade curricular das instituições. Esse é um ponto de grande importância para o trabalho do docente, buscar a interação das diferentes áreas do conhecimento, agindo, assim, de forma interdisciplinar.

A interdisciplinaridade acaba sendo não uma mera integração de disciplinas, mas sim uma complementação das diferentes áreas do conhecimento. E quem ganha mais com esse tipo de metodologia a ser utilizada pelas instituições e pelos profissionais que a compõe, são os alunos, que a partir de práticas deste tipo poderão conhecer novas possibilidades para uma melhor integração e compartilhamento dos conhecimentos. Ainda em relação à teoria e prática na formação docente, Pimenta e Lima dizem que

O reducionismo dos estágios às perspectivas da prática instrumental e do criticismo expõe os problemas na formação profissional docente. A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a

necessidade de explicar por que o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática). (2004, p.39).

É necessário que os sujeitos passem a compreender de forma mais clara essa relação de parceria existente entre a teoria e prática nos cursos de formação de professores, pois, um completa o outro na sua complexidade, nas diferentes situações do dia-a-dia. O trabalho desenvolvido no estágio supervisionado é o eixo central entre a teoria e a prática presente nos cursos de formação de professores.

Em meio a esse trabalho, está presente a pesquisa, que pode auxiliar de forma significativa o trabalho do professor na sala de aula, pois, ao pesquisar o educador estará buscando respostas para possíveis problemas existentes na realidade do seu ensino ou mesmo na aprendizagem dos alunos os quais se faz responsável. Pimenta e Lima (2004, p.51) afirmam que “o estágio abre possibilidade para os professores orientadores proporem a mobilização de pesquisas para ampliar a compreensão das situações vivenciadas e observadas nas escolas”.

Sendo assim, é preciso que o educador busque a sua identidade enquanto formador de sujeitos, e o estágio supervisionado é uma etapa na vida desses profissionais que os auxiliarão na busca constante dessa identidade. Com isso,

O estágio, então, deixa de ser considerado apenas um dos componentes e mesmo um apêndice do currículo e passa a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de formação de professores. Cabe-lhe desenvolver atividades que possibilitem o conhecimento, a análise, a reflexão do trabalho docente, das ações docentes, nas instituições, a fim de compreendê-las em sua historicidade, identificar seus resultados, os impasses que apresenta, as dificuldades. (PIMENTA; LIMA, 2004, p.55).

Essa é uma das principais contribuições do estágio supervisionado para a formação docente. Essa oportunidade dos sujeitos poderem a partir da observação e da intervenção, analisar e refletir acerca do trabalho que é desenvolvido nas instituições de educação infantil, como, também, e principalmente, buscar novas formas de desempenhar o seu papel enquanto educadores dentro da sala de aula. Visando um trabalho coletivo, com bastante dedicação, responsabilidade, organização e acima de tudo inovando sua prática a cada dia, obtendo um aprendizado diário com os diferentes tipos de vivências experienciadas e, adaptando o seu método de ensino a diversidade de sujeitos presentes na realidade do trabalho que desempenham.

#### 4. Considerações finais

Ao final deste artigo chegamos à conclusão de que o processo de formação docente, mais precisamente as especificidades que o envolvem, como o estágio supervisionado, é uma forma de nos encontrarmos com a nossa verdadeira vocação, de nos afirmarmos enquanto educadores, construindo, assim, a nossa identidade profissional, ou mesmo nos distanciarmos do que nos propomos a trilhar. Acreditamos que mesmo com toda a dificuldade que envolve o processo de pensar e efetivar o que é proposto no estágio supervisionado, vemos que o mesmo é imprescindível para a formação de futuros educadores, como, também, para um aperfeiçoamento do trabalho realizado por sujeitos já inseridos no âmbito educacional.

O estágio supervisionado em educação infantil nos possibilitou compreender e analisar o grande desafio que envolve a prática docente nos dias de hoje. Pois, é notório que esse trabalho de formação de sujeitos para a vida, que o professor desempenha, é um trabalho extremamente delicado e desafiador, pois, a realidade educacional a qual o professor se fará presente dispõe de um quadro de sujeitos fortemente distintos entre si, cada um com as suas particularidades, seja em relação à diferença de cor, raça ou gênero, como, também, classe social ou até mesmo de níveis de aprendizado. Sabendo disso, acreditamos que essa etapa tão importante na vida dos sujeitos necessita da presença de profissionais capacitados, que disponham de uma boa formação e de muito amor pelo que dispõe a fazer.

A partir destas reflexões percebemos a importância do estágio supervisionado na graduação, possibilitando para os futuros educadores experiências que serão vivenciadas na sala de aula, e auxiliando-os na construção da sua identidade enquanto agentes formadores.

Os momentos disponibilizados pelo estágio supervisionado em educação infantil, desde as discussões em sala de aula, até o próprio momento de observação e intervenção, nos possibilitou repensarmos algumas concepções diante do fazer docente. É a partir desse contato com outros educadores e com os alunos que iremos nortear o nosso perfil profissional e a nossa prática dentro da sala de aula. Foi a partir desses momentos, também, que pudemos compreender de forma mais próxima o real papel do professor na sala de aula junto aos diferentes sujeitos, que é o de ser o mediador entre o aluno e o conhecimento, buscando sempre realizar um trabalho de qualidade e que

realmente faça diferença na vida dos sujeitos e na sua própria vida, desempenhando, assim, um trabalho de reciprocidade, ensinando e aprendendo ao mesmo tempo com os seus educandos e as diferentes situações decorrentes desse trabalho.

Diante de tudo que foi discutido e mencionado, podemos afirmar que essa experiência vivida no estágio, contribuiu de modo significativo para podermos analisar o fato de que ainda há muito que ser apreendido e inovado em relação à prática docente. Portanto, esse trabalho fez-nos compreender que podemos sim refletir acerca de mudanças para a realidade da educação do nosso país, começando pela nossa realidade local, a partir do momento que nos entregamos por inteiro a profissão que escolhemos para a nossa vida, e desempenhamos um trabalho de qualidade e envolvido por sentimentos de amor e realização profissional.

## 5. Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. HORN, Maria da Graça Souza. **Organização do espaço e do tempo na escola infantil**. In: CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação infantil: pra que te quero?** – Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Volume 1. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane. **Identificando o Racismo, o Preconceito e a Discriminação Racial na escola**. In: SILVEIRA, Mara Lúcia da. GOLDINO, Tatau. (orgs). **Educar para a igualdade: gênero e educação escolar**. São Paulo: Moderna, 2004.

DÉR, Leila Christina Simões. **A constituição da pessoa: dimensão afetiva**. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga. ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. (orgs). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. – 2.ed. São Paulo: Ed Loyola, 2004.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

### Fontes documentais:

DIÁRIO DE CAMPO, **Memórias e lembranças dos momentos vivenciados no estágio supervisionado em educação infantil**, Cajazeiras de 26 a 30 de março/ 07 a 25 de maio de 2012. (Maria Thaís de Oliveira Batista / Maria José da Silva Pires)

PORTFÓLIO, **Arquivo dos Planos de Aula e atividades realizadas no Estágio Supervisionado em Educação Infantil**, Cajazeiras de 07 a 25 de maio de 2012.